

CIÊNCIA E SENSO COMUM: BOAVENTURA E AS CRÍTICAS A VISÃO BACHELARDIANA

SCIENCE AND COMMON SENSE: BOAVENTURA AND CRITICAL OF VISION BACHELARDIANA

Joselia Santos Cirqueira¹
Deivide Garcia da Silva Oliveira²
Lília Ferreira Souza Queiroz³
Nadja Azevedo de Jesus⁴
Lilia Santos da Silva⁵

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar as críticas de Santos acerca da relação ciência e senso comum de Gaston Bachelard. Nesse sentido, Santos argumenta que a construção epistemológica bachelardiana defende o rompimento da cultura científica com o senso comum. Dito isso, o senso comum acaba sendo diminuído em detrimento do conhecimento científico e este trazendo uma imagem inadequada tanto do senso comum, quanto da própria ciência. Logo, Santos acredita que estamos caminhando para uma nova relação entre ciência e senso comum, em que uma cultura faz parte da outra e ambas constroem uma nova proposta de conhecimento.

Palavra- chave: Senso comum; Conhecimento científico; Reencontro.

Abstract: This paper proposes to analyze critical of Santos the relation of the science and common sense of Gaston Bachelard. In this sense, Santos argue that epistemological construction bachelardiana defend breakup of scientific culture whit the common, thoughts like this, on what common sense is often diminished on detriment of scientific knowledge, has contributed for training of an inappropriate image so much common sense how much of science itself. However, instead the Bachelard, Santos believe that we are walking for a new relationship between science and common sense, on what a culture is part of the other and they both cost something new.

Keywords: Common Sense; Scientific Knowledge; Reencounter.

1. Introdução

Boaventura de Souza Santos está entre os autores que buscaram repensar os valores do conhecimento científico, considerado hierarquicamente superior aos demais saberes. Segundo Santos (1989), repensar a epistemologia da ciência implica: 1- formação de uma imagem inadequada da própria ciência e de outras formas de conhecimento como o senso comum e 2-obstacularização da construção de uma nova

¹ UFRB/joseliacirqueira@hotmail.com

² UFRB/deividegso@gmail.com

³ UFRB/lSouzaqueiroz@gmail.com

⁴ UFRB/nadja_lua@hotmail.com

⁵ UFRB/liliasantos96@gmail.com

configuração de conhecimento na qual a ciência dialogue com o senso comum. De acordo com autor, o senso comum é originalmente apresentado como um conhecimento natural tendo relação com algo razoável. E o que é algo razoável? É aquilo que merece credibilidade, tem valor de crença, é prudente e “pensa de modo local e universal” (SANTOS, 1989, p. 39).

Ao discordar do pensamento bachelardiano, Santos (1989) busca realizar uma abordagem crítica e reflexiva sobre a relação de ciência e senso comum de Bachelard (1996) a qual defende o rompimento da cultura científica com a comum. O autor pretende também demonstrar que existe a necessidade de um reencontro entre estas duas culturas de conhecimento e que, além disso, no âmbito das ciências sociais o tema é tão controverso que uma série de propostas sociológicas adota características do senso comum de modo intencional por considerá-las positivas (SANTOS, 1998; 2008).

Nesse sentido, o presente trabalho tem o objetivo de analisar o posicionamento de Santos (1989) a respeito da relação de ciência e senso comum de Gaston Bachelard (1996) a fim de ampliar as discussões sobre a existência de uma visão (inadequada) destas culturas de conhecimento na sociedade humana atual. Primeiramente, discorreremos sobre a nova proposta epistemológica de conhecimento que foi criada por Santos (1989). E depois, apresentaremos as críticas do autor sobre a ruptura epistemológica bachelardiana, que apesar de ter dado conta do modelo de racionalidade que foi adotado pela ciência moderna, já sinaliza que está em crise.

2. O senso comum na perspectiva de Boaventura

Para Santos (1989) a ciência e o senso comum possuem uma relação de necessidade que só pode ser estabelecida quando a caracterização científica do senso comum for desfeita. Segundo o autor (1989), essa abordagem científica do senso comum tem formado uma imagem inadequada desse tipo de conhecimento e também tem contribuído para a formação de uma imagem inadequada da própria ciência, pois permite que a ciência atribua exclusivamente ao senso comum características como a ilusão, superficialidade, falsidade e conservadorismo.

Logo, é possível dizer que esta ação de atribuir características negativas a epistemologia do senso comum tem como base uma noção¹ distorcida de ciência que é alimentada por um modelo de racionalidade que permite o julgamento de outras formas

de conhecimento e que considera a ciência como uma cultura distinta das demais, hierarquicamente posicionada no centro e com valor de verdade pré-determinado.

A análise da relação (ciência e senso comum) não é, para Santos (1989), uma ação benéfica apenas para o senso comum, mas também para a própria ciência, tendo em vista que contribui para que o professor-cientista compreenda mais adequadamente a natureza da ciência e adquira aquilo que Cardoso (1998) chamou de postura crítica diante da ciência e de outras formas de conhecimento.

Para Santos (1989) o senso comum que temos hoje é fruto de uma sociedade desigual e dominadora, sobretudo distante da ideia original em que nasce a proposta de senso comum. Logo, a ideia de que o senso comum é um conhecimento ilusório, superficial, preconceituoso não é universalmente válida e o autor ao menos indica um caminho. Outro ponto é que, por conta disso, não se contribui nada a ambas as formas de conhecimento quando, conforme disse Santos (1989, p. 40), tenta-se “opor a ciência ao senso comum”, empreender este esforço “não faz hoje sentido algum”.

Ainda de acordo com Santos (1989) opor esses dois tipos de cultura de conhecimento com base na ideia de que o senso comum representaria apenas (p. 40) “o modo como os grupos ou classes subordinados vivem sua subordinação” e, adicionalmente, um formato de conhecimento apenas útil como um reconciliador “da consciência social com o que existe”, é um erro (p.41).

Mas por que um erro? Santos (1989) nos responde dizendo que em primeiro lugar, a forma de vivência do senso comum tem duas faces, ela é conformista por um lado, mas por outro, contém em si uma série de elementos que podem desenvolver-se e transforma-se em armas de luta. Como é o caso do senso comum jurídico dos habitantes das favelas do Rio de Janeiro que foi investigado em seu primeiro trabalho de campo (SANTOS 1989; 1990).

Ao citar a sua própria investigação, Santos (1989) quer dizer que nas favelas do Rio de Janeiro, existe uma compreensão de justiça que não está baseada na justiça do Estado, mas, no modo de vida daqueles indivíduos. Logo, o tipo de justiça que foi desenvolvido por eles, é um senso comum fruto de gerações, mas também pode torna-se um ponto de análise, luta e de tomada de decisão.

O mencionado autor, também se opõe à separação dos formatos de cultura científico e comum, quando isso é feito com base na ideia de que a função principal do senso comum é fazer com que as pessoas pensem nas coisas de modo compreensível e prático, pois mesmo aceitando que essa afirmação esteja correta, não é menos verdade

que esse viés conservador tem sido assinalado em muitas teorias científicas e a sua eficácia social por ser caucionada pelo paradigma científico moderno e pelo poder institucional tem sido muito superior.

Santos (1989) ainda é contrário a uma posição científica radicalista, como por exemplo, a de jogar noções de “preconceito (pré-noção, pré-juízo, crença irrazoável)” tudo de uma vez “na vala comum da irracionalidade” sem distinção alguma (p. 41). Ou então, de separar a ciência e o senso comum a partir de uma distinção “maniqueísta” (p. 42), tendo em vista que para ele, atitudes como essa, além de ser ruim para o progresso do conhecimento é demasiado simplista para uma questão que é muito ampla.

2.1. Dupla ruptura epistemológica de Boaventura

Enquanto a ruptura bachelardiana apenas separa o senso comum da ciência moderna sem modificá-lo, a dupla ruptura de Santos (1989) pretende transformar ambas as culturas de conhecimento para constituir um novo formato do saber chamado pelo autor de “phronesis” (p. 45).

Na opinião de Santos (1989, p. 39) “uma vez feita à ruptura epistemológica, o acto epistemológico mais importante é a ruptura com a ruptura epistemológica”. Isso é a segunda ruptura. Porém, de acordo com autor isso não significa que a segunda ruptura irá neutralizar a primeira retornando a situação inicial.

Ao propor a dupla ruptura epistemológica ele pretende formar “um senso comum esclarecido e uma ciência prudente” (p.45). Deste modo, se antes havia um senso comum ignorante ou ingênuo, agora temos um senso comum esclarecido. Se antes tínhamos uma ciência dogmática, superior, elitista, agora estamos diante de uma ciência mais prudente que se distingue das outras porque evita o etnocentrismo, o esoterismo, o elitismo e o julgamento de crenças não científicas como sendo irracionais.

Santos (1989) pretende “criar uma configuração de conhecimento que sendo prática, não deixa de ser esclarecida e sendo sábia, não deixa de estar democraticamente distribuída” (p.46). Desse modo, a “phronesis” de Santos (1989, p. 45) concilia “o carácter prático e prudente do senso comum com o carácter segregador e elitista da ciência” e utiliza o desenvolvimento tecnológico produzido por ela para o aprofundamento cognitivo e comunicativo desta.

Por tudo isso, é forçoso concluir que caminhamos para uma nova relação entre ciência e senso comum, uma relação de necessidade, pois como disse Santos (1989, p

43) “uma relação em que qualquer deles é feito do outro e ambos fazem algo novo”. Todavia, para que isso ocorra é preciso ter em mente que a caracterização do senso comum que temos visto hoje é realizada com base em um modelo de ciência moderna etnocêntrica, que para Santos (1989) está carregada de negatividade.

“O termo etnocentrismo científico” foi usado por Santos (1989, p. 43) para destacar a ideia de que a ciência (segundo alguns epistêmicos) está no centro da formação do conhecimento, e principalmente para dizer que a ciência é uma cultura como outra qualquer. Cultura em que sentido? No sentido de que toda cultura é uma abordagem da realidade, portanto a ciência (embora não pareça) é apenas mais uma forma que o ser humano encontrou para tratar da realidade e não deve estar acima das demais formas/culturas do conhecimento, ou melhor, não pode ficar livre para dizer a qualquer cultura o que é válido ou não fora de seus marcos e, neste ponto, Haack (2012) é explícita.

Considerando a dupla ruptura epistemológica, Santos pretende realizar a desconstrução hermenêutica da ciência. Isto significa que a nova configuração de conhecimento será orientada para assegurar a liberdade e a criatividade da existência individual e social, valores que a ciência pode realizar, mas não enquanto ciência moderna e sim como a própria “phronesis” (SANTOS, 1989, p.45).

Como foi dito no início desse tópico, apenas com a superação da visão científica tradicional do senso comum, será possível desenvolver uma nova caracterização do conhecimento comum. Desse esforço resulta a caracterização que foi proposta por Santos (2008, p. 56) da seguinte forma:

O senso comum faz coincidir causa e intenção; subjaz-lhe uma visão de mundo assente na acção e no princípio da criatividade e da responsabilidade individuais. O senso comum é prático e pragmático; reproduz-se colado às trajetórias e as experiências de vida de um dado grupo social e nessa correspondência se afirma de confiança e dá segurança. O senso comum é transparente e evidente; desconfia da opacidade dos objectivos tecnológicos e do esoterismo do conhecimento em nome do princípio da igualdade do acesso ao discurso, à competência cognitiva e à competência linguística. O senso comum é superficial porque desdenha das estruturas que estão para além da consciência, mas, por isso mesmo, é exímio em captar a profundidade horizontal das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas [...].

Desta forma, é possível notar que para realizar a caracterização alternativa do senso comum, Santos faz uso de termos como a criatividade, responsabilidade,

individualidade, causa, intenção, pragmático, transparente, ametódico, evidente e espontâneo. Embora alguns desses termos já tenham sido utilizados para atribuir aspectos negativos ao senso comum, ao usá-los o autor busca demonstrar que quando olhamos por outro ângulo é possível perceber as coisas de modo diferente.

Nessa definição de Santos, o senso comum aparece como um conhecimento que pode ser aplicado à vida. O autor acredita que o senso comum é um tipo de conhecimento que está preocupado com a maneira do ser humano estar no mundo, logo ele deseja ser um conhecimento verdadeiro e útil e não, como em geral se pensa, falso e inútil. Mas como? Ou melhor, de que forma? Sendo uma cultura que pode ser aplicada à realidade do indivíduo.

Em sua opinião, ainda que o senso comum aparentemente não apresente um sistema metodológico, ele surge e se reproduz dentro de um determinado grupo social. Portanto, cada indivíduo se torna responsável pelo conhecimento que foi produzido e tal responsabilidade é de cunho epistêmico e moral.

Mesmo que o senso comum seja facilmente disseminado, os indivíduos no coletivo em sua comunidade são chamados à responsabilidade, pois suas ações individuais implicam no coletivo e normalmente as pessoas não querem perder a credibilidade, principalmente no grupo social do qual eles fazem parte (Elgin, 2013). Logo, ao contrário do que afirmam, podemos dizer juntamente com Santos (2008) que na produção do conhecimento comum existe uma responsabilidade epistêmica e moral sobre o indivíduo e ou grupo.

Assim, Santos (1989) acredita que, deixado a si mesmo o senso comum é conservador e pode legitimar prepotências, mas em diálogo com o conhecimento científico pode estar na origem de uma nova racionalidade. Nos nossos dias, um exemplo claro disso é a maneira como a Wikipédia se construiu e se mantém, ou seja, é um sistema alimentado por qualquer um que queira fazê-lo e com qualquer conteúdo Ramalho e Tsunoda (2007). Mas simultaneamente isso torna o processo autocorretivo e, em certo grau, produz um conhecimento confiável, embora não científico.

Logo, é possível concluir que o senso comum só pode contribuir para uma emancipação cultural e social se estiver no interior de uma configuração cognitiva em que tanto ele, como a ciência moderna supere a si mesmo para dar lugar à outra forma de conhecimento. Daí resulta o conceito de dupla ruptura de Santos (1989) que tem início ao romper com a primeira ruptura epistemológica.

3. Críticas de Boaventura a relação de ciência e senso comum de Bachelard no campo das ciências sociais e naturais

Ao contrário de Bachelard (1996) Santos (1989) defende que a cultura científica e a comum estão contidas uma na outra e que, para o estabelecimento de novas relações entre essas formas de conhecimento, é necessário o abandono de pensamentos antigos sobre uma ciência que seria sustentada por um modelo de racionalidade ligado a ideia de forte coerência inter e intra-teórica, objetividade, verdade, unicidade e sistematização, aspectos que tem sido criticado por autores como Feyerabend.

Para Santos (1989, p. 33), no processo de construção daquilo que Bachelard (1996) chamou de verdadeiro espírito científico, “a ciência se opõe absolutamente a opinião”. Ainda de acordo com o autor na visão bachelardiana, a formação do conhecimento científico dito racional e válido só é possível quando outras culturas de conhecimento consideradas falsas são separadas da ciência. Desse modo, a proposta bachelardiana atinge (também) outras culturas de conhecimento, como por exemplo, o “conhecimento vulgar, a sociologia espontânea e a experiência imediata”, uma vez que esses saberes são meras opiniões (SANTOS, 1989, p. 33).

Conforme Santos (1989) o pensamento bachelardiano defende que a ciência para ser construída, em oposição ao senso comum, “dispõe de três atos epistemológicos fundamentais”, que recebem o nome de “ruptura, construção e constatação” (p. 33). Em sua opinião, esses atos podem ser igualmente aplicados nas ciências naturais e sociais, porém nestas últimas, com maior dificuldade, devido à complexidade do objeto de estudo das ciências sociais (o ser humano e suas relações) e o embaralhamento dos resultados da prática do cientista social com suas próprias opiniões.

Na visão de Santos (1989) no campo das ciências sociais, para que a ruptura epistemológica tenha êxito é necessário o cumprimento “de dois princípios básicos” que tiveram sua origem em Durkheim. O primeiro princípio (da não consciência) afirma que o “sentido das ações sociais não pode ser investigado a partir das intenções ou motivações dos agentes que a realizam”, pois estas ações sofrem influência (mesmo que inconscientemente) de um sistema global de relações sociais. O segundo princípio (o primado das relações sociais) diz que a “os fatos sociais se explicam por outros fatos sociais e não individuais” (Santos 1989 apud Durkheim, 1980). Esses princípios são para Santos (1989, p.35) “mais difíceis de serem cumpridos do que formulados”, uma

vez que os obstáculos epistemológicos, como afirmou Bachelard (1996, p.19) “são resistentes”.

Para Santos (1989, p. 36) a proposta de ruptura bachelardiana “interpreta com fidelidade o modelo de racionalidade subjaz o paradigma da ciência moderna”. Em outras palavras, Santos quer dizer que o modelo de racionalidade que é o alicerce do paradigma da ciência moderna possui uma determinada estrutura e a epistemologia bachelardiana de algum modo, representaria a consciência sobre essa estrutura racionalista da ciência moderna.

Tal pensamento permite compreender que o foco da discussão sobre conhecimento científico, senso comum e outros formatos do saber não é exatamente alcançar a verdade. O que importa nessa discussão são os alicerces em que estão sustentados os edifícios do senso comum e da ciência, os quais, para Santos (1989), dependem da significação que elas têm para nós e isso se percebe na influência que causam em nossa prática.

O sentido de discutir isso é fazer as pessoas entenderem que não se pode descartar de modo imediato aquilo que vem do senso comum simplesmente porque veio dele, ou ainda baseado na crença de porque teve origem no senso comum não é legítimo e válido. Logo, o que Santos (1989) tenta fazer é questionar esse modelo de racionalidade científica que foi adotado pela ciência, ele não questiona exatamente a ciência, mas o modelo de racionalidade que está na base de uma ideia de ciência moderna que não só abandonam de modo imediato outras crenças mais as recriminam.

Pelo que foi exposto, lembra Santos (1989, p. 37) não é surpresa que a epistemologia bachelardiana só seja “compreensível dentro dum paradigma que se constitui contra o senso comum e recusa as orientações para a vida prática que dele decorrem”.

Para o autor, por mais que Bachelard (1996) tenha proposto uma concepção de ciência moderna, ela não representa a consciência real da comunidade científica num dado momento qualquer, isto é, mesmo em qualquer parte da história da ciência moderna o tipo de proposta da estrutura da ciência feito por Bachelard não é suficiente para explicar a consciência real da comunidade científica hoje e ontem.

Então o que a proposta bachelardiana representa? Em outros termos o que isso significa? De certa forma, o que Bachelard faz é apenas a descrição de uma parte do processo e da estrutura racionalista que, em sua opinião, perfaz a ciência. Esta estrutura

permite que haja trocas, mas ela não admite que o racionalismo saia de cena (SANTOS 1989).

O que Santos (1989) realmente quer dizer é que a ruptura Bachelardiana não modifica a consciência do funcionamento estrutural da ciência, ela não representa uma mudança na essência racionalista dessa estrutura. A proposta de Bachelard (1996) é apenas uma das formas de discussão que a ciência admite como sendo interessante que exista.

De acordo com Santos (1989, p. 38) “as epistemologias que sucedem à de Bachelard na mesma vertente do movimento de desdogmatização da ciência já são epistemologias de crises, e como tal manifestam a crise”. Santos quer dizer com isso, que o surgimento de epistemologias como a de Kuhn e Feyerabend só aconteceram porque essa proposta de paradigma moderno-científico e de racionalidade levou a uma crise insustentável. Essa crise como um dos frutos, fez gerar filósofos como Kuhn e Feyerabend.

A epistemologia bachelardiana é descrita por Santos (1989, p.38), como sendo uma: “epistemologia de limites, dos limites dentro dos quais o paradigma origina, gera e resolve crises sem que ele próprio entre em crise” . Diante disso é possível notar, junto com Santos (1989), que Bachelard (1996) propõe algo muito mais limitado do que ele pensa, por dois motivos. Primeiro, porque sua proposta de ruptura epistemológica nasce dentro de um paradigma (o paradigma moderno-científico) e não fora dele, logo, a ruptura epistemológica bachelardiana está limitada a este paradigma. O segundo motivo é que ao nascer dentro do paradigma da ciência moderna não poderia ser uma proposta também de ruptura desta ciência sob custo da auto-eliminação (SANTOS 1989, p. 38).

Portanto, para Santos (1989) de maneira nenhuma essa epistemologia bachelardiana pretende romper com o paradigma no qual ele nasceu, ou seja, essas rupturas não funcionam de modo metafilosófico, não é uma meta-ruptura, isto é, rupturas que poderiam ficar atuando livremente fora de um paradigma, mas ao contrário, são rupturas que só nascem dentro de um paradigma e que estão limitadas por ele. Assim, o que no fundo Santos (1989) pretende nos dizer é que os limites da ruptura bachelardiana são dados pela própria estrutura onde ele nasce, portanto por mais que Bachelard proponha uma ruptura com o paradigma anterior, ele não pode propor uma ruptura consigo mesmo, pois isso significaria o fim de sua própria epistemologia.

4. Considerações finais

Dado o exposto, é possível concluir, em consonância com Santos, que a crença de que apenas os conhecimentos que são construídos por meio da ciência estão em contato com a realidade e, por isso, possuem legitimidade por serem supostamente formulados através de um método seguro e racional, tem contribuído para a formação de uma imagem simplista ou mesmo inadequada da própria ciência e de outros formatos do saber, dificultando o surgimento de uma nova configuração de conhecimento onde uma forma de conhecimento (científica) dialogue com a outra (senso comum). Portanto, é preciso que caminhemos na direção de uma ciência esclarecida e prudente, isto é que se diferencie das outras ao evitar dizer que um conhecimento é individual, que não possui qualidades ou que é irracional. Um tipo de conhecimento que esteja interessado nas relações existentes na hora de produzir o conhecimento sem se prender ao esoterismo e no elitismo da ciência.

Referências

- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- SANTOS, B. S. *Um Discurso sobre as Ciências*. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro, Graal, 1989.
- _____. O estado é o direito na transição Pós Moderna: para um novo Senso Comum sobre o Poder é o Direito. In: *Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 30, p. 13-43, 1990.
- CARDOSO, C. M. Ciência e Ética: alguns aspectos. In: *Ciência e educação*, São Paulo, v. 5, n.1, p. 01-06, 1998.
- ELGIN, C. Z. "Epistemic agency." *Theory and Research*. In: *Education*, Massachusetts, v. 11, n. 2, p. 135-152, 2013.
- FEYERABEND, P. *Contra o método*. Trad: Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- HAACK, S. *Seis sinais de cientifismo*. Trad: Eli Vieira Araujo-Jnr. Liga Humanista Secular do Brasil, 2012.
- RAMALHO, L; TSUNODA, D. F. A construção colaborativa do conhecimento a partir do uso de ferramentas wiki. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2013, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2007. p.1-9.